

GAZETA MERCANTIL Presidente sem maioria

02 OUT 1994

por Márcio Aith
de Porto Alegre

Ganhe Fernando Henrique Cardoso ou Luiz Inácio Lula da Silva, o partido do próximo presidente da República não deverá ser o maior do Congresso Nacional.

Como ocorreu em 1989, o PMDB e o PFL vão manter a hegemonia no Legislativo, apesar do provável crescimento do PSDB e do PT.

A constatação contraria a expectativa da maioria dos líderes políticos, que imaginaram que a coincidência das eleições majoritárias (Presidência, governos estaduais e Senado) e proporcionais (deputados federais e estaduais) colocaria um fim nos conflitos institucionais entre o presidente da República e o Legislativo.

"Imaginava-se que o presidente faria automaticamente a maioria, ou quase isso. Só que não é o que motivou o eleitor", diz o

cientista político Bolívar Lamounier, ligado a Fernando Henrique Cardoso.

"O eleitor não relacionou um voto com outro. Os analistas aplicaram para o Brasil o raciocínio da Venezuela ou da Argentina, países onde existe lista partidária hierarquizada. O eleitor vota no presidente e num partido, com sua respectiva lista", diz ele.

Lamounier diz que sempre foi cético com relação ao resultado institucional dessas eleições casadas. "Não sabia se os principais candidatos à Presidência determinariam o rumo das eleições estaduais ou se estas influenciaram decisivamente na escolha do presidente. Agora, cheguei a uma terceira conclusão. Apesar do Real, que influenciou o voto em alguns estados, acho que uma eleição não afetou a outra. Foi uma grande bagunça na cabeça do eleitor", diz ele.

O resultado dessa "bagunça", como ele diz,

só poderá ser sentido depois das eleições. No entanto, alguns indícios podem ser detectados. Em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, os candidatos a deputado federal com mais chances de ser eleitos - segundo pesquisas - não estão vinculados diretamente a candidaturas presidenciais, mas a corporações, governadores, recursos financeiros, administrações municipais e programas de rádio e TV.

Por essa razão, a próxima bancada federal poderá ser um problema para o presidente da República que toma posse em 1º de janeiro. "Só que Fernando Henrique Cardoso conseguiu uma aliança que poderá facilitar a governabilidade", diz o senador Pedro Simon (PMDB-RS), que apoia Fernando Henrique.

Simon acha que a aliança entre o PSDB e o PFL guarda semelhança com a aliança entre o PSD e o PTB, em 1946 e 1955, quando foram eleitos os dois únicos presidentes da República que, coincidentemente ou não, foram escolhidos pelo voto direto e terminaram seus mandatos: Eurico Gaspar Dutra e Juscelino Kubitschek.

Para o Partido dos Trabalhadores, a aliança entre o PSDB e o PFL, ao contrário de ajudar Fernando Henrique, poderá prejudicá-lo. "Eu acho que o Lula ganha estas eleições, mas, se não ganhar, Fernando

Henrique vai ficar imobilizado. Qualquer boa intenção vai parar no Congresso", diz José Fortunatti (PT-RS).